

Helena Isabel Dias da Silva Araújo

**Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes
ao comportamento abusivo**

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Porto, 2013

Helena Isabel Dias da Silva Araújo

**Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes
ao comportamento abusivo**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Porto, 2013

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Criminologia, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

Dedicatória

À memória do meu avô, Júlio Ferreira da Silva (10-06-1929/20-06-1998).

No céu existe uma estrela que brilha mais que todas as outras. Essa estrela és tu que ilumina o meu caminho.

Agradecimentos

Aqui exponho o meu agradecimento a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a concretização deste projeto, bem como a todos aqueles que me apoiaram e apoiam no meu percurso académico.

Começo por agradecer à minha família, à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã, por todo o apoio e acompanhamento que sempre me deram na vida, seja académica ou pessoal, acreditando sempre nas minhas capacidades.

À Professora Doutora Sónia Caridade, por todo o tempo disponibilizado, todos os esclarecimentos e apoio prestado e ainda todas as manifestações de encorajamento ocorridas durante a elaboração deste projeto.

À Filipa pela amizade, incentivo e força. A palavra “desistir” nunca fez parte do seu dicionário.

Ao Paulo pela ajuda e apoio dado ao longo do curso, bem como pelo companheirismo e amizade incondicional.

À Liliana, pelo apoio e carinho prestados ao longo destes três anos de Licenciatura.

A todos os docentes do curso de Criminologia da Universidade Fernando Pessoa pelos ensinamentos, conselhos e força transmitidos, possibilitando assim a concretização deste Projeto.

Resumo

A violência no namoro, à semelhança da violência conjugal tem vindo a alcançar grande visibilidade a nível social e científico, sendo atualmente considerada como um problema social que afeta diariamente muitos jovens. Como tal, o presente projeto de graduação apresenta uma proposta de investigação no domínio da violência nas relações de namoro, procurando-se conhecer as principais motivações que estão subjacentes ao comportamento abusivo. Tal proposta decorre, desde logo, da escassez de estudos no contexto português a este nível. Para tal, procedeu-se à elaboração de uma revisão bibliográfica, propondo-se a realização de um estudo qualitativo junto de alunos da escola Pero Vaz de Caminha. Inicialmente, irá ser administrado o Inventário de Violência nas Relações Íntimas para identificar os alunos que já usaram algum tipo de violência nas suas relações de namoro. Após a identificação destes como agressores, realizar-se-á uma entrevista semiestruturada para explorar as principais motivações inerentes ao comportamento abusivo numa relação amorosa. A finalizar, será feita uma reflexão crítica sobre a análise, os contributos e as limitações do estudo, procurando-se identificar ainda pistas para uma investigação futura nesta área.

Palavras-Chave: Violência no namoro, Jovens, Motivações, Comportamentos.

Índice

Introdução	1
PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. (In)Definição de violência no namoro.....	3
1.1. Tipos de violência e sua extensão	5
1.2. Ciclo da violência nas relações de namoro	6
1.3. Fatores de risco para a violência nas relações de namoro	8
1.4. O impacto e as consequências da violência nas relações de namoro	13
PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO.....	16
1. Objetivo geral e objetivos específicos.....	16
2. Metodologia	16
2.1. Participantes	16
2.2. Instrumentos	17
2.3. Procedimentos	18
3. Apresentação e discussão dos resultados	20
4. Conclusão	22
5. Referências Bibliográficas	24
ANEXOS.....	29
Anexo I.....	30
Anexo II	31
Anexo III	32
Anexo V	35
Anexo VI.....	37

Introdução

A perspectiva da transmissão intergeracional da violência baseia-se nos pressupostos da teoria da aprendizagem social, que defende que os indivíduos que foram vítimas ou testemunharam comportamentos de violência na família de origem apresentam uma elevada probabilidade de virem a incrementar comportamentos violentos no futuro (Widom, 1989 *cit. in* Oliveira & Sani, 2009) ou a serem vítimas de violência nas suas relações (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007). Logo, a violência poderá ser aprendida através da modelagem do comportamento abusivo dos progenitores (Oliveira & Sani, 2009).

Somente a partir da década de 60 é que o fenómeno da violência, sob as diferentes formas, aparece como um problema social específico, apesar de a sua prática ser transversal a todos os tempos (Caridade & Machado, 2006).

Na mesma linha de pensamento, a violência sempre existiu desde o começo da Humanidade. A própria história da Humanidade relata-nos inúmeros fenómenos de violência um pouco por todo o mundo, numa altura em que se desvalorizava a dignidade do ser humano (Lemos, 2008).

A violência está presente no núcleo familiar desde a antiguidade, sendo transversal a várias culturas e sociedades. No entanto, a perceção de que a família nem sempre é o ponto mais seguro para os seus membros é um conceito mais recente e, muitas vezes, difícil de demonstrar devido ao carácter privado que lhe está atribuído (Dias, 2004).

A violência no namoro surge, frequentemente, como preditora da violência conjugal, podendo integrar-se como fator intermediário entre a exposição à violência na família de origem e o uso subsequente na família de reprodução (Mendes, 2006).

Alguns estudos (e.g. O'Keefe, 1998) revelaram que aqueles que acreditam que o uso da violência é aceitável como meio de resolução de conflitos, tendem a proceder de forma mais agressiva e violenta. Em contraponto, quando as pessoas reprovam este tipo de meios, tendem a evitar este tipo de conduta.

Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo

A investigação no contexto português na sua grande maioria procura, essencialmente, descrever a prevalência do fenómeno e os fatores de risco, sendo escassos os estudos em torno das motivações inerentes ao comportamento abusivo.

Face a esta tendência registada ao nível da investigação neste domínio, considerámos que se afigura necessário o desenvolvimento de estudos que procurem explorar as razões/motivações que levam os jovens a adotarem comportamentos abusivos.

O presente estudo pretende, assim, contribuir para uma melhor compreensão da violência, dos motivos que levam os jovens a usar a violência, das razões que apontam em relação à diferença de género e idade do ofensor, e se têm consciência do impacto da violência.

O presente trabalho encontra-se estruturado em duas partes: a primeira parte consiste na revisão teórica sobre a temática, enquanto a segunda parte é dedicada ao estudo empírico. O primeiro ponto a ser desenvolvido incidirá sobre o conceito de violência, os diversos tipos de violência, os fatores de risco, as consequências e as suas motivações da violência no namoro. Já a segunda parte do trabalho apresentará a proposta de investigação e a qual contempla os objetivos, o método, os participantes, os instrumentos e os procedimentos adotados para a investigação, a apresentação dos resultados, a discussão dos mesmos e, por último a conclusão, procurando-se refletir sobre os contributos do estudo, mas também as potenciais limitações e ainda algumas sugestões em matéria de investigação futura neste domínio.

PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. (In)Definição de violência no namoro

A definição de violência percorreu várias décadas e a difícil tarefa de delimitação do conceito deve-se, principalmente, à sua constante modificação, devido ao avanço cultural, uma vez que aquilo que anteriormente era considerado como “legítimo” passa a ser punível por lei (Lourenço & Lisboa, 1992; Oliveira & Manita, 2003).

É uma tarefa árdua definir violência no namoro, devido à quantidade de definições que vigoram na literatura da área.

A violência consiste no uso intencional da força, coação ou intimidação contra terceiros, lesando a integridade, os direitos e as necessidades dessa pessoa (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

Já para Strecht (2002) a verdadeira violência engloba todo o tipo de violação do espaço psíquico de um indivíduo e do respeito que lhe é digno.

No caso da violência doméstica, esta inclui qualquer ato, conduta ou omissão que sirva para coagir com intensidade, sofrimento físico, sexual e/ou psicológico por meio de ameaças, ou qualquer outro método, a uma pessoa que habite no mesmo agregado familiar (Antunes, 2002).

Para Manita e seus colaboradores (2009, p.11), a Violência Doméstica pode ser definida como:

“Um comportamento violento continuado ou qualquer padrão de controlo coercivo exercido direta ou indiretamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a filho/a, pai, mãe, avô, avó) ou que mesmo não coabitando seja companheiro ou familiar. Este padrão de comportamento violento continuado resulta, a curto ou médio prazo, em danos físicos, sexuais, emocionais, psicológicos, imposição de isolamento social ou privação económica da vítima, visa dominá-la, fazê-la sentir-se subordinada num clima de medo permanente”.

Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo

A nível do enquadramento legal deste crime, o nosso Código Penal contempla a violência no namoro como crime, podendo integrar o tipo legal de violência doméstica e que aqui transcrevemos, para melhor elucidar.

Artigo 152.º - Violência Doméstica

1. Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
- b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
- c) A progenitor de descendente comum em 1º grau; ou
- d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2. No caso previsto no número anterior, se o agente praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3. Se dos factos previstos no n.º1 resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;

b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4. Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5. A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6. Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

No que concerne às vítimas deste crime, estas não foram as principais beneficiárias do sistema de justiça criminal, uma vez que os seus interesses foram sobrepostos pelos interesses do Estado. Deste modo, a vítima foi sendo vista como prova testemunhal para o processo criminal, sentindo-se desprezadas e desamparadas pelos sistemas policial e de justiça criminal (Antunes, 2002).

1.1. Tipos de violência e sua extensão

A violência nas relações de namoro não contempla somente a dimensão física, podendo envolver outras formas abusivas, tais como o abuso psicológico e sexual.

A violência física implica o uso exagerado de violência/agressividade e compreende ações como empurrar, puxar o cabelo, pontapear ou dar murros, queimar, apertar os braços, entre outras. Estes comportamentos podem ou não, deixar marcas evidentes na vítima, sendo que formas mais graves de violência podem resultar na morte da mesma (Manita et al., 2009).

No caso da violência psicológica/emocional consiste em criticar, humilhar e desprezar a vítima, através de palavras e/ou comportamentos (e.g. intimidação, ameaças, desvalorização, destruição e/ou retenção de objetos) (Manita et al., 2009).

Já a violência sexual abrange toda a forma de imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade da vítima (e.g. violação), recorrendo a ameaças e coação ou ao uso da força física para a obrigar (Manita et al., 2009).

Como forma do agressor ter maior controlo sobre a vítima, este utiliza estratégias de isolamento social, para que a esta fique longe do seu núcleo de amigos e familiares. Como consequência o agressor pode usar o ciúme como meio de justificação (Antunes, 2002; Manita et al., 2009).

Caridade (2011) realizou um estudo, tendo por base uma amostra de 4667 jovens de diferentes níveis de formação (estudantes do ensino profissional, secundário, população universitária) e de diferentes áreas geográficas, cujas idades variam entre os 13 e os 19 anos. Os resultados indicam que 19,5% dos jovens já sofreram violência emocional, 13,4% de violência física e 6,7% de agressões mais graves. Em relação aos agressores (30,6%), verificou-se que 22,4% admitiram ter recorrido à violência emocional, 18,1% à violência física e 7,3% a agressões mais graves.

Em suma, a ocorrência de violência nas relações de namoro é uma realidade que empiricamente está demonstrada em diferentes trabalhos realizados, nacional e internacionalmente e os quais não iremos explorar neste trabalho, dado que o nosso foco será agora explorar as razões/motivações para a violência. Nesta linha de entendimento, passaremos a analisar algumas dinâmicas abusivas que caracterizam o fenómeno, explorando de seguida os principais fatores de risco que têm sido identificados pela literatura da especialidade.

1.2. Ciclo da violência nas relações de namoro

Numa primeira fase, é a violência psicológica que se evidencia através de humilhações, insultos, quer num ambiente público, quer num ambiente privado. Este

tipo de violência deixa a vítima insegura e com medo do seu companheiro. Com o aumento de intensidade por parte do ofensor, segunda fase, este abandona a violência psicológica e envereda pela violência física, muitas vezes em uníssono com os outros tipos de violência (Alarcão, 2002).

O ciclo da violência evolui de acordo com as três diferentes fases que se repetem ciclicamente: a *fase do aumento da tensão*, a *fase do ataque violento* e a *fase de reconciliação* (Manita, 2009).

A primeira fase designa-se *fase do aumento da tensão*, em que o ofensor concebe um ambiente de perigo iminente para a vítima ao enveredar por atitudes intimidatórias e de controlo. O ofensor recorre a situações da vida quotidiana para provocar na vítima um aumento de tensão, que posteriormente irá originar discussões que poderão evoluir para o ato violento. Esta fase pode progredir mais rapidamente quando associada ao consumo de álcool ou de drogas (Ferreira, 2005; Manita, 2009; Walker, 2009).

No que se refere à segunda fase, *do ataque violento*, caracterizando-se esta pela efetiva passagem ao ato, isto é, o ofensor recorre à violência física, psicológica e/ou sexual sobre a vítima. Estes atos tendem a aumentar de frequência e de intensidade podendo, por vezes, conduzir à morte da vítima (Ferreira, 2005; Manita, 2009; Walker, 2009).

A última fase, *fase de reconciliação*, o ofensor altera o seu comportamento, recorrendo ao afeto, atenção e cuidado para que a vítima o desculpabilize, prometendo mudar/melhorar o seu comportamento para que a vítima não abandone a relação (Ferreira, 2005; Manita, 2009; Walker, 2009).

A ocorrência deste ciclo de violência tem sido usada para melhor compreender as razões que levam as vítimas a sentirem-se culpadas da violência cometida pelos parceiros e a razão pela qual estas não abandonam a relação, mesmo quando estão em perigo de vida (Antunes, 2002).

Durante o ciclo de violência, esta vai sofrendo alterações à medida que vai aumentando, nomeadamente na primeira fase, ficando mais intensa e curta. Na segunda fase, o ataque violento tende a ser com mais frequência e gravidade, enquanto na última fase existe menos intensidade e persistência (Antunes, 2002).

1.3. Fatores de risco para a violência nas relações de namoro

De acordo com a teoria da aprendizagem social, os comportamentos socialmente aprendidos em meio familiar são muitas vezes reproduzidos pelos adolescentes em espaços extrafamiliares, configurando-se, por vezes, em atitudes de permissividade e violência ao nível das relações íntimas (Oliveira & Sani, 2009). Pais que utilizam a punição como disciplina, mostram aos seus filhos que a violência consiste numa forma apropriada na resolução dos seus problemas (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007).

Fundamentada nas experiências e nos padrões típicos de interação com as figuras significativas durante a infância, cada indivíduo constrói “modelos internos dinâmicos”, uma vez que é a partir destes modelos que o mesmo cria expectativas acerca do que pode esperar de si próprio e dos outros, numa relação mais séria (Paiva & Figueiredo, 2003).

Estudos desenvolvidos no âmbito da teoria da vinculação analisam que os sujeitos adultos com padrão de vinculação “seguro” tendem a juntar-se com companheiros “seguros”, não obstante sujeitos adultos com padrão de vinculação “evitante” tendem a unir-se a companheiros com padrão de vinculação “ambivalente”, no sentido de motivarem as suas histórias de vinculação negativa e assim confirmarem as expectativas estabelecidas de acordo com os “modelos internos dinâmicos” (e.g., Kirkpatrick & Davis, 1994 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003).

Segundo Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) de entre os fatores de risco que conseguirão predeterminar o envolvimento em atos violentos em crianças e jovens, quer como vítimas, quer como agressores salientam-se: o consumo de tabaco, álcool e/ou drogas antes dos 12 anos; o historial de agressão precoce; o insucesso escolar

precoce, o reduzido envolvimento familiar; a criminalidade parental; e a débil supervisão parental.

Uma análise extensa da literatura (Caridade, 2011) sobre os diferentes fatores de risco para a violência no namoro, determinou que estes podem ser distribuídos em diferentes categorias: familiares (e.g., observar violência interpaparental, práticas parentais maltratantes, abuso sexual na infância); ambientais (e.g., características dos grupos de pares, observar violência na comunidade); fatores sociodemográficos (e.g., idade, género, etnia, nível socioeconómico, área de residência e práticas religiosas); intrapessoais (e.g., comportamentos antissociais, depressão, autoestima); interpessoais (e.g., satisfação relacional, estratégias de resolução de problemas, competências de comunicação, duração da relação, comprometimento emocional); e, por último, fatores situacionais ou contextuais (e.g., consumo de álcool e/ou drogas).

Os fatores de risco também podem ser repartidos em 3 categorias distintas: *características da vítima* (e.g., idade, experiências antecipadas de vitimação), *características dos ofensores* (e.g., idade, género, traços da personalidade) e *características situacionais* (e.g., consumo de álcool) (Marx, Victoria, & Gross, 1996).

Ao nível da aprendizagem de comportamentos, os progenitores proporcionam essa aprendizagem num contexto social diferente daquele proporcionado pelo grupo de pares. De acordo com vários estudos acerca da influência dos grupos de pares, tem-se constatado que o género masculino é agressivo no namoro, influenciado pela observação de comportamentos violentos no seu grupo de amigos (Jackson, 1999).

Em relação a outros contextos sociais, a literatura vem documentando que a exposição à violência na escola e/ou na comunidade poderá favorecer a modelagem dos comportamentos agressivos, contribuindo, desta forma para a interação violenta nas relações íntimas (O’Keefe, 1998). A revisão da literatura, referida anteriormente (Caridade, 2011) documenta, contudo, a existência de outros estudos realizados e os quais se revelaram pouco consistentes quanto aos efeitos da exposição a este tipo de violência em ambos os géneros. Assim, para alguns autores, a exposição à violência na comunidade aparece associada à perpetração do abuso na intimidade, tanto para o

gênero masculino, como para o feminino, não obstante para outros autores, a observação deste tipo de violência desperta fundamentalmente a vitimação do gênero feminino.

O fator gênero delimita o tipo de exposição e experimentação da violência, uma vez que no caso dos rapazes, estes tendem a revelar menos sintomatologia do que as raparigas. Por seu turno, em relação às estratégias de *coping* adotadas face a um episódio de violência, as raparigas tendem a interiorizar essas situações, ao passo que os rapazes revelam respostas mais exteriorizáveis (Sani, 2002). Já O’Keefe (1997) verificou que a violência quando praticada por mulheres é de ordem situacional, enquanto a violência perpetrada pelos homens tem a ver com o seu historial de vida agressivo.

Sani (2002) destaca outro aspeto em relação aos fatores implícitos nos atos de violência, estes prendem-se com o tipo de exposição da vítima à violência, seja ela direta ou indireta. Assim, julga-se que os rapazes tendem a ser mais atingidos pela vitimação, ao passo que as raparigas tendem a testemunhar mais os acontecimentos.

Outro aspeto de vulnerabilidade à violência prende-se com a idade. As crianças encontram-se mais vulneráveis à violência praticada por um adulto, devido à sua imaturidade física. Contudo, se por um lado toda a criança é afetada por um incidente violento, independentemente da idade, por outro lado o impacto desse mesmo incidente e a emergência de sintomas específicos dependem da idade e do nível de maturidade da criança (Sani, 2002).

No caso dos adolescentes de estatutos sociais e económicos desfavorecidos, estes apresentam comportamentos mais violentos (Matos, Gonçalves, & Gaspar, 2005). As escolas acolhem jovens que não aceitam limites aos seus comportamentos, atacando tudo o que os envolve. Na maior parte dos casos são jovens cuja vida foi marcada precocemente por preceitos involuntários e intrusivos de relação e em que a violência emocional era a mais frequente. Desta forma, estes jovens apresentam dificuldades a nível familiar, individual, na escola e nas relações sociais (Strecht, 2002). Na literatura

certos défices comportamentais estão ligados a um elevado risco para a ocorrência de violência (Saunders, 1995).

Concomitantemente, Buzy e colaboradores (2004 *cit. in* Caridade, 2011) desenvolveram um estudo longitudinal em que apuraram que o consumo de álcool pelos adolescentes aumenta o risco de vitimação. No caso das raparigas que consomem mais álcool, estas têm uma maior probabilidade de se envolverem em situações de risco, podendo associar-se a rapazes agressivos mais facilmente, ou ter parceiros amorosos também com consumos excessivos.

Molidor e Tolman (1998) descobriram que 37% dos homens que agrediram fisicamente as suas parceiras estavam sobre o efeito do álcool no momento da agressão. Em contraste, apenas 9% das mulheres que agrediram os seus parceiros é que admitem estarem alcoolizadas no momento da agressão. Todavia, neste estudo, menos de 1% das mulheres reportaram que o álcool ou as drogas foram a principal causa das agressões.

Silverman, Raj, Mucci, e Hathaway (2001 *cit. in* O’Leary & Slep, 2003) constatarem que cerca de 20%, de aproximadamente 4.000 mulheres estudantes, do ensino secundário relataram ser agredidas fisicamente ou sexualmente pelos seus namorados. A violência física e sexual nas relações de namoro é um fator de risco para o abuso de substâncias, gravidez e tendência suicida.

Já os adolescentes com antecedentes de depressão e conceções suicidas tendem a ter uma maior probabilidade de sofrer violência no namoro, devido à sua fragilidade emocional e psicológica (Roberts, Klein, & Fisher, 2003).

O risco aumenta nos adolescentes com idades precoces, por volta dos 15 anos, altura em que surgem normalmente as primeiras relações amorosas (Vicary, Klingaman, & Harkness, 1995). A violência no namoro, geralmente, começa na adolescência e contínua, por vezes, na relação matrimonial se não for detetada e tratada (Cano, Avery-Leaf, Cascardi, & O’Leary, 2000; O’Leary, Woodin, & Fritz, 2006). Problemas de conduta e comportamentos antissociais na adolescência predizem também a futura agressão para com o parceiro, masculino ou feminino (e.g., Andrews, Foster, Capaldi, &

Hops, 2000 *cit. in* Hettrich & O’Leary, 2007). Estes argumentos podem predizer uma agressão física e a identificação de razões individuais que podem ditar a escalada de uma agressão verbal para uma agressão física numa relação já adulta. (Cascardi & Vivian, 1995; Dobash & Dobash, 1984).

As motivações e as fundamentações para o comportamento abusivo foram analisadas pelos autores Cauffman, Feldman, Jensen, e Arnett (2000) através da aplicação de um questionário acerca da aceitação e participação em comportamentos abusivos, a 261 jovens universitários. A violência foi considerada mais aceitável enquanto resposta a uma provocação ou enquanto mecanismo de autodefesa. Estes autores encontraram uma relação entre violência e comportamento, ou seja, os participantes com maior aceitação do recurso à violência eram aqueles que tinham maior propensão para desenvolver comportamentos abusivos.

A relação próxima entre ofensor e a vítima é um dos fatores que eleva o risco de agressões físicas. É comum os parceiros maltratantes terem experienciado violência na infância praticada pelos pais (e.g. maus-tratos) ou não tendo sido o seu alvo direto podem ter sido vítimas vicariantes da violência familiar (Hotaling & Sugarman, 1986 *cit. in* Saunders, 1995).

Num estudo elaborado por Sharpe e Taylor (1999), concluiu-se que as mulheres com uma baixa autoestima têm mais probabilidade de serem vítimas, mas também de serem ofensoras de violência física. Em relação ao género masculino, uma elevada autoestima surge interligada à vitimação e perpetração de violência psicológica.

O’Keefe (1998) realizou um estudo procurando identificar fatores protetores e de vulnerabilidade que poderão interceder na relação entre experienciar violência na família de origem e violência na intimidade juvenil. Quer para os fatores protetores, quer para os fatores de vulnerabilidade, o género revelou-se uma importante variável moderadora. Portanto, a autoestima surge como um fator protetor e que diferencia os rapazes que usam violência dos que não o fazem, já o êxito escolar surge relacionado com o género feminino.

O controle comportamental e o mau uso do poder têm sido também apontados pelos parceiros violentos (e.g., Dobash & Dobash, 1984), e tem sido mostrado que o controle do comportamento e o ciúme nas relações de namoro são importantes preditores da agressão física em ambos, mulheres e homens (O’Leary & Slep, 2003).

A experiência de abuso sexual na infância e o padrão de vinculação “ansioso”, assim como a excessiva necessidade de controle do parceiro e o ciúme na relação de namoro são fortes preditores dos relatos de agressão física (Gardnax, 1996 *cit. in* Paiva & Figueiredo, 2003). Os autores O’Leary e Slep (2003) referem que a agressão verbal e o ciúme aumentam a probabilidade de agressões físicas, pois a violência verbal revelou-se um importante fator de risco de violência física futura.

Outro aspeto a focar em relação à violência em contexto familiar é que existe outro tipo de abuso, que tem sido associado à ocorrência de violência nas relações amorosas – a violência entre irmãos. Os estudos neste ramo têm sido escassos, no entanto, alguns autores (Simonelli, Mullis, Elliott, & Pierce, 2002) referem que a violência entre irmãos constitui um importante fator preditor da violência na intimidade. Ainda, de acordo com os pressupostos da teoria da aprendizagem social, julga-se que as crianças que foram vítimas de abuso físico, psicológico ou sexual pelos irmãos poderão reproduzir estes comportamentos abusivos no contexto das suas relações amorosas, porque aprenderam que a violência é uma forma correta de interagir com os pares (Simonelli et al., 2002).

1.4. O impacto e as consequências da violência nas relações de namoro

As experiências de abuso físico, psicológico e sexual no contexto do relacionamento íntimo com o parceiro, têm consequências adversas a curto e a longo prazo (Paiva & Figueiredo, 2003).

A literatura aponta que algumas vítimas sentem-se perturbadas após um ato de violência e, desta forma, poderão dar origem a diversas consequências. Depois da vitimação e dependendo da gravidade do ato de violência há um conjunto de

consequências de carácter físico, psicológico e social que irão determinar o caminho da vítima (Silva, 2001).

As consequências físicas não se devem somente aos maus-tratos físicos sofridos pela vítima, mas também ao *stress* a que esta é sujeita após o ato de violência. As consequências psicológicas podem tornar-se um enorme problema pós-vitimação, porque poderão ser muito difíceis de ultrapassar. Por último, as consequências sociais podem implicar mudanças na vida da vítima, uma vez que poderá haver uma mudança de casa e/ou de escola (Silva, 2001).

Os estudos demonstram que em relação à existência de violência física e psicológica, esta última deixa marcas mais profundas na vítima do que a violência física, visto que a violência psicológica é exercida diariamente, várias vezes e sobre a forma de ameaça (Coker & Davis, 2001).

Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), comprovam o impacto da violência nas vítimas e elencam alguns fatores que poderão contribuir para intensificar este impacto, nomeadamente, em função do aumento da frequência e severidade da violência, condições e contextos da ocorrência da mesma, tipos de abusos, antecedentes historiais de vitimação, gravidade dos danos, recursos pessoais e estruturais. Estes autores agrupam o impacto em termos de: a) danos físicos, corporais e cerebrais, b) alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares, c) alterações da imagem corporal, d) distúrbios cognitivos, e) distúrbios de ansiedade, medos e ataques de pânico, f) sentimentos de vergonha, culpa e medo, g) baixa autoestima, h) dependência emocional, i) isolamento social, e j) comportamentos depressivos.

Matos (2002) considera que a violência nas relações íntimas pode desencadear nas vítimas vários sentimentos, nomeadamente auto percepção desvalorizada, um ceticismo e um sentimento de impotência que as impossibilita de se percecionarem como um ser com direitos e poder.

Ainda em relação ao impacto da violência nas vítimas, este depende de diversos fatores que poderão agravar ou atenuar os seus efeitos. Portanto, a existência de historial

Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo

de vitimação anterior, a frequência, a duração e a gravidade das ações de violência, os tipos de vitimação sofridos, a relação de proximidade entre agressor e vítima, tendem a mediar os efeitos negativos da violência (Matos & Machado, 1999).

PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivo geral e objetivos específicos

A presente investigação procura estudar, de uma forma geral a violência no namoro, mais concretamente, visa identificar as motivações inerentes ao comportamento abusivo dos jovens. De uma forma mais específica pretendemos compreender se os motivos que levam os jovens a usar a violência diferem em função do género e idade do ofensor, e se têm consciência do impacto da violência no parceiro.

2. Metodologia

A fase da metodologia é decisiva para o desenrolar do estudo, pois é nesta fase que se define a forma como a investigação vai ser elaborada e que possibilita a obtenção de respostas, assim, deverá ser adaptado de acordo com o que se pretende. Depois de delineada a investigação deve-se proceder à classificação da população em estudo, bem como dos métodos (Fortin, 2009).

Para tal recorrer-se-á a uma investigação qualitativa, logo a análise e interpretação dos dados é mais profunda e minuciosa, visto que os dados são analisados no seu conteúdo. Sendo um estudo de índole qualitativo, procura explorar as perceções dos jovens sobre as diferentes motivações inerentes ao comportamento abusivo.

A escolha recai sobre um estudo qualitativo de carácter exploratório junto de jovens que usaram violência nas suas relações amorosas, em virtude dessa metodologia se preocupar com a realidade subjetiva dos indivíduos.

2.1. Participantes

A amostra deste estudo será constituída por alunos do 7º ao 12º ano da escola Pero Vaz de Caminha, no Porto, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Será escolhida esta faixa etária devido a ser uma fase propícia da adolescência para o estudo em causa. As turmas participantes serão uma de cada ano e será administrado o

Inventário de Violência nas Relações Íntimas a estes alunos. Para a constituição da amostra considerar-se-á como critérios de inclusão, a admissão por parte dos participantes do recurso a algum tipo de violência no âmbito das suas relações de namoro. A amostra será escolhida por conveniência, uma vez que a escola em questão é abrangida pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens – Porto Central, que foi o local do estágio.

2.2. Instrumentos

Neste projeto optou-se pela realização do IVC (Inventário de Violência nas Relações Íntimas) (Machado, Matos & Gonçalves, 2000), de uma entrevista semiestruturada e de uma *checklist*.

O IVC (cf. Anexo VI) é um instrumento composto por 21 itens que pretende analisar as relações passadas e presentes dos inquiridos. Este instrumento determina a prevalência dos atos de violência perpetrados e sofridos por parte dos parceiros amorosos e a frequência com que surgem, designadamente, nunca, uma vez e mais do que uma vez. Através do preenchimento deste inventário é possível identificar os participantes como vítimas e não-vítimas, ofensores e não-ofensores. Os participantes são considerados vítimas se indicarem terem sofrido pelo menos uma vez de comportamentos abusivos, e de não-vítimas se descreverem não terem sofrido de nenhum ato abusivo. Recolhendo a abordagem conservadora, os jovens que não admitirem a vitimação de algum comportamento abusivo e que não responderem a todos os itens, não serão classificados como vítimas, sendo o mesmo método utilizado para a tipificação dos participantes como ofensores e não-ofensores. Embora o questionário permita as classificações citadas, no presente estudo apenas interessa os nossos objetivos, ou seja, os alunos que usaram a violência nas suas relações amorosas.

No estudo em questão optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada, ou seja, um tipo de entrevista que procura conciliar aspetos da entrevista diretiva e não diretiva (Fortin, 2009). A entrevista semiestruturada permite ao investigador estruturar o seu campo de interesse, restringindo as fronteiras do objeto de estudo perspectivado, impedindo que durante a entrevista o entrevistado siga por caminhos diferentes do

pretendido. Por outro lado, este tipo de instrumento possibilita ao entrevistado a possibilidade de poder explorar e aprofundar a sua opinião sobre os temas de interesse da investigação (Albarelo, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy, & Saint-Georger, 1997).

A entrevista “consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informação sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisada na perspectiva da recolha de informações” (Ketele & Roegiers, 1993, p. 22).

A entrevista semiestruturada (cf. Anexo IV) será acompanhada de uma *checklist* com 13 itens, onde constam os diferentes motivos que são apontados na literatura da especialidade (cf. Hettrich & O’Leary, 2007) para o comportamento abusivo. Tanto a entrevista como a *checklist* serão submetidas previamente a um pré-teste no sentido de se aferir a inteligibilidade dos diferentes itens, tomando em consideração o público-alvo.

2.3. Procedimentos

Em primeiro lugar para realizarmos este estudo será necessário elaborar um pedido de autorização ao Ministério da Educação através do preenchimento de formulário próprio disponível no *site* institucional, no sentido de obtermos a autorização para a recolha de dados na amostra seleccionada.

O passo seguinte e após a resposta positiva por parte do ministério, será enviar uma carta de pedido de colaboração à escola Pero Vaz de Caminha, com o protocolo da investigação, uma vez que o estudo decorrerá neste espaço e com os alunos da mesma (cf. Anexo II).

Posteriormente ao contacto efetuado para com esta escola e tendo esta dado autorização, serão seleccionadas as turmas que irão participar. Após estas serem seleccionadas contactar-se-á os pais dos respetivos alunos através da realização de um

pedido de consentimento informado no sentido destes darem autorização para a realização do estudo (cf. Anexo I).

Inicialmente os alunos irão preencher o Inventário de Violência nas Relações Íntimas (cf. Anexo VI), a fim de sabermos quais serão aqueles que já usaram a violência nas suas relações de namoro. Aqueles que usaram a violência nas suas relações vão ser admitidos no estudo. O preenchimento do inventário terá uma duração de 20 minutos, aproximadamente.

De seguida proceder-se-á à construção de um guião de entrevista (cf. Anexo III), tendo em conta que numa primeira fase serão administradas 9 questões (cf. Anexo IV), e numa segunda fase será realizada uma *checklist* com 13 itens, construídos a partir da proposta de Hettrich e O’Leary (2007) (cf. Anexo V), de forma a permitir a exploração dos tópicos considerados pertinentes e também para dar resposta aos objetivos do estudo.

A realização das entrevistas acontecerá numa sala cedida pela escola e destinada para o efeito. No decorrer das entrevistas e da *checklist* procurar-se-á adotar sempre o mesmo procedimento, cada participante será entrevistado individualmente, depois de uma breve apresentação de ambas as partes e do esclarecimento do objetivo de estudo.

Posto isto, as entrevistas serão gravadas em formato áudio, prevendo-se que cada uma tenha a duração de 20 minutos, aproximadamente, com o consentimento dos sujeitos e dos respetivos representantes legais. Sendo posteriormente transcritas na totalidade para se dar início ao processo de análise do conteúdo. A *checklist* terá a duração de 10 minutos, aproximadamente.

Todos os participantes serão devidamente informados sobre a pertinência e objetivo das entrevistas, e da *checklist*, bem como será garantida a confidencialidade e anonimato na utilização da informação resultante das entrevistas.

3. Apresentação e discussão dos resultados

No que concerne à apresentação dos resultados, espera-se que estes permitam a concretização dos objetivos inicialmente delineados.

Tomando em consideração a literatura da especialidade (cf. Caridade, 2011), é esperado que os jovens da nossa amostra não apontem a violência como forma normativa de resolução de conflitos, muito embora possam sustentar alguns mitos sobre as circunstâncias em que a mesma decorrerá.

É expectável que os atos mais usualmente perpetrados/recebidos nas relações de namoro dos participantes, se caracterize pela sua menor gravidade, sobretudo difamar, humilhar, dar uma bofetada, gritar ou ameaçar com o intuito de meter medo, puxar cabelos e impossibilitar contactar com outras pessoas (Caridade, 2011). É esperado que os participantes banalizem e minimizem a violência de menor gravidade, por conseguinte é previsto que este tipo violência seja o mais frequente nas relações de namoro.

Muita da literatura sobre a violência nas relações de namoro é focada em documentar a prevalência de agressão feminina ou masculina e a correlação entre elas, mas também, é focada nas razões individuais que favorecem a violência física. São esperadas agressões menos gravosas, nomeadamente, puxões, bofetadas e empurrões (Hettrich & O'Leary, 2007).

Os autores Hettrich e O' Leary (2007) averiguaram que aproximadamente 32% dos indivíduos do género feminino relataram que mantiveram agressões físicas contra os seus parceiros/namorados e que elas perpetraram atos de agressão física com mais frequência para com os seus parceiros, do que os seus parceiros perpetraram contra elas. As principais razões apontadas pelos participantes deste estudo para a violência física são: a raiva para com o parceiro e a pobre comunicação/diálogo. As mulheres que reportam violência física nas suas relações são aquelas que estão menos satisfeitas com o seu relacionamento e ambas as agressões (física e psicológica) estão negativamente correlacionadas com pensamentos positivos sobre os seus parceiros.

Segundo o estudo realizado por Caridade (2011) o abuso emocional é o que possui maior número de registos, logo prevê-se que este tipo de abuso seja o mais referenciado. É esperado que os participantes atribuam à violência emocional um elevado impacto, pelo dano causado e pelos constrangimentos que pode originar no dia-a-dia da vítima. É esperado que a violência psicológica seja percebida como a mais dolorosa e prejudicial, em comparação com a violência física. O impacto da violência física é estabelecido pelas consequências físicas que esta poderá instigar, bem como o facto de poderem conceder uma melhor visibilidade social ao abuso.

De acordo com a mesma autora, em relação à diferença de género nas relações de namoro, não existe grande diferença de papéis, uma vez que neste tipo de relações íntimas, não se verifica uma grande assimetria de poder, nem de género. Por conseguinte, prevemos que sejam estes os resultados esperados.

Prevê-se que certos fatores intrapessoais neste estudo surjam como uma causa que assume elevada importância no discurso dos entrevistados, sobretudo o ciúme, uma vez que o mesmo surge na literatura como sendo muito frequente. No discurso de alguns participantes o ciúme é visto como não abusivo, sendo considerado como demonstração de interesse e carinho (Caridade, 2011).

De acordo com Hettrich e O’Leary (2007), as razões que geralmente são mencionadas como a “principal causa” para as agressões das mulheres contra os seus parceiros são: raiva, mentira do parceiro, pobre comunicação, temperamento impulsivo, humilhação/vergonha e ciúme. Em contraponto, as razões mais reportadas como “não causa” para as agressões são: sexo forçado, drogas/álcool e autodefesa.

Em contrapartida, no que se refere às motivações para a agressão masculina é previsível que os participantes descrevam os ciúmes e a insegurança como causas centrais. Também é previsto que considerem o temperamento impulsivo como uma característica masculina para o comportamento abusivo (Caridade, 2011).

Para os autores (O’ Brien, Cascardi & Avery-Leaf, 1999 *cit. in* O’Leary & Slep, 2003) a necessidade de obter controlo e o ciúme são duas motivações que conduzem à

violência física. A pobre comunicação tem sido repetidamente documentada em casais agressivos (Pan, Neidig & O’Leary, 1994 *cit. in* O’Leary & Slep, 2003).

As razões para o comportamento abusivo incluem o ciúme, a rejeição (consumo excessivo de álcool, drogas), pobre comunicação e as lutas pelo poder (Burcky et., 1998; Cook, 1995 *cit. in* Cauffman, Feldman, Jensen, & Arnett, 2000).

O álcool tem sido associado à agressão no namoro pelos homens, mas não pelas mulheres (Molidor & Tolman, 1998). Portanto, este dado será o previsto no estudo.

4. Conclusão

A prevalência da violência nas relações de namoro é um problema que não será facilmente resolvido. Importa ressaltar que é uma área que ainda não se encontra devidamente estudada e explorada no nosso país, sendo poucos os estudos elaborados, e por este motivo, espera-se que este projeto saliente e enfatize a necessidade de realização de novos estudos e investigações.

Todavia, pretende-se que este estudo possa ser um contributo útil para o alargamento dos conhecimentos na área da violência no namoro, mais concretamente, na exploração das motivações inerentes ao comportamento abusivo. Para além disso, pretende-se que promova a consciencialização e sensibilização para esta temática que é uma realidade nos dias de hoje.

Além disso, trata-se de uma proposta de investigação a realizar junto de uma amostra de jovens que já tenham admitido o uso da violência nas suas relações de namoro, algo que é incomum na investigação neste domínio, maioritariamente conduzida junto de amostras normativas e, mais frequentemente, estudantes universitários.

Não obstante, o presente estudo também poderá enfrentar algumas limitações, que importa identificar. Desde logo, a principal limitação poderá prender-se com o acesso à

amostra, em primeiro lugar porque se tratando de jovens menores de 18 anos carece de pedido de autorização aos seus encarregados de educação para poderem participar no estudo. Por outro lado, os jovens, por uma questão de desejabilidade social ou mesmo por temerem eventuais sanções penais, poderão não reportar as situações e que usaram violência.

Não obstante todo o avanço que se tem vindo a registar na investigação neste domínio e os eventuais contributos da presente proposta de investigação para o aumento do conhecimento nesta área, urge continuar a apostar no desenvolvimento da investigação nesta área. Assim, considerámos que seria interessante que futuros estudos procurassem clarificar as diferenças de género em matéria de violência no namoro, bem como o impacto que este tipo de abuso poderá ter nos diferentes intervenientes. Seria igualmente importante o desenvolvimento de outros estudos que contemplassem a questão das motivações, contextos em que ocorre a violência, para melhor se poder intervir neste fenómeno, de comprovada complexidade.

5. Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des) Equilíbrios familiares*. Coimbra, Quarteto.
- Albarelo, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georger, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.
- Antunes, M. (2002). Violência doméstica em contexto doméstico. In: Gonçalves, R. e Machado, C. (Ed.). *Violência e vítimas de crimes vol. 1: Adultos*. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 43-77.
- BDJUR. (2011). *Código Penal*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cano, A., Avery-Leaf, S., Cascardi, M., & O'Leary, K. D. (2000). Dating violence in two high school samples: Discriminating variables. *Journal of Primary Prevention*, 18, 431-446.
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (24), 485-493.
- Cascardi, M., & Vivian, D. (1995). Context for specific episodes of marital violence: Gender and severity of violence differences. *Journal of Family Violence*, 10, 265-291.
- Cauffman, E., Feldman, S. S, Jensen, L. A & Arnett, J. J. (2000). The (un)acceptability of violence against peers and dates. *Journal of Adolescent Research*, 15, 652-673.
- Coker, A., & Davis, K. (2001). *Impact of intimate violence on men and women: Analysis of the NVAW Survey*. Paper presented at 7th International Family Violence Research Conference. Portsmouth: New Hampshire.

Dias, I. (2004). *Violência na Família. Uma Abordagem Sociológica*. Porto. Edições Afrontamento.

Dobash, R. P, & Dobash, R. E. (1984). The nature and antecedents of violent events. *British Journal of Criminology*, 24, 269-288.

Ferreira, M. (2005). *Da Intervenção do Estado na Questão da Violência Conjugal em Portugal*. Coimbra, Edições Almedina.

Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures, Lusodidacta.

Gomes, N. P., Dinis, N. M. F., Araújo, A. J. S. & Coelho, M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias género e geração. *In: Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), pp. 504-508.

Hettrich, E. L., & O' Leary, K. D. (2007). Females' Reasons for Their Physical Aggression in Dating Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 1131-1143.

Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *In: Aggression and violent behaviour*, 4 (2), pp. 233-247.

Ketele, J. M. & Roegiers, X. (1993). *Metodologia de Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa, Instituto Piaget.

Lemos, A. M. (2008). *Por uma escola que previne: Uma abordagem e reflexão de um projecto educativo de prevenção da violência de género nas escolas*. Dissertação de Mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Lourenço, N. & Lisboa, M. (1992). *Representações da violência: percepção social do grau, da frequência, das causas e das medidas para diminuir a violência em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.

Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima)*. Comissão para a cidadania e igualdade de género. Presidência do Conselho de Ministros.

Marx, B. P., Victoria, V. W., & Gross, A. M. (1996). Date rape risk factors: A review and methodological critique of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 1, 27-45.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.

Matos, M. G., Gonçalves, A. & Gaspar, T. (2005). *Aventura Social e risco, prevenção do VIH numa comunidade migrante*. Lisboa: CMDT/Edições IHMT.

Matos, M., & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 373-388.

Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. M. (2000b). *I.V.C. – inventário de violência conjugal*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1ª ed.). Lisboa: Coisas de Ler Edições.

Mendes, F. (2006). *Percursos da violência. Da família de origem à conjugalidade: um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Molidor, C., & Tolman, R. (1998). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Violence Against Women*, 4, 180-194.

O'Leary, K. D., Woodin, E. M., & Fritz, P.T. (2006). Can we prevent the hitting? Implications for the prevention of partner violence. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 13(3/4), 125-181.

O'Leary, K. D., & Slep, A. (2003). A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32, 314-327.

O'Leary, K. D., & Slep, A. (2003). A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 32, 1575-1585.

O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 546-568.

O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39-57.

Oliveira, A. & Manita, C. (2003). Prostituição, violência e vitimação. In: Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crime*, vol. 1 – Adultos. (pp. 213-239). Coimbra: Quarteto Editora.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.

Roberts, T. A., Klein, J. D., & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behaviour among adolescents. *Archives Pediatric Adolescent Medicine*, 157, 875-881.

Sani, A. I. (2002). *As Crianças e a Violência. Narrativas de Crianças Vítimas e Testemunhas de Crimes*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sani, A. I., & Oliveira, M. S. (2009). *A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 6, 162-170.

Saunders, D. G. (1995). Prediction of wife assault. In Campbell (Ed.), *Assessing dangerousness. Violence by sexual offenders, batterers and child abuses* (pp.68-95). Thousand Oaks: Sage.

Sharpe, D., & Taylor, J. K. (1999). An examination of variables from a social-developmental model to explain physical and psychological dating violence. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31, 165-175.

Silva, L. (2001). *Acção Social na área da família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Simonelli, C. J., Mullis, T., Elliott, A. N., & Pierce, T. W. (2002). Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 103-121.

Strecht, P. (2002). *Crescer Vazio: Repercussões Psíquicas do Abandono, Negligência e Maus-Tratos em Crianças e Adolescentes* (4.ªed). Lisboa: Assírio & Alvim.

Vicary, J. R., Klingaman, L. R., & Harkness, W. L. (1995). Risk factors associated with date rape and sexual assault of adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 18, 289-306.

Walker, L. (2009). *The Battered Woman Syndrome*. New York, Springer Publishing Company.

ANEXOS

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu _____, na qualidade de encarregado de educação do menor _____ autorizo a participação no estudo designado “Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo”, elaborado por Helena Isabel Dias da Silva Araújo, aluna de Criminologia da Universidade Fernando Pessoa.

Declaro que fui informado/a de todos os objetivos e procedimentos do estudo, do seu carácter anónimo e confidencial, assim como da possibilidade de desistência em qualquer momento da entrevista.

Declaro ainda autorizar a gravação da entrevista para futura análise do seu conteúdo.

Porto, _____ de _____ de _____

Anexo II- Autorização da Investigação na Escola

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Exmo(a) Diretor(a) da Escola Pero Vaz de Caminha,

Eu, Helena Isabel Dias da Silva Araújo, aluna do curso de Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência, autorização para proceder à implementação do estudo designado “Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo”.

O que se pretende com este estudo é identificar as motivações inerentes ao comportamento abusivo. De uma forma mais específica pretendemos compreender se os motivos que levam os jovens a usar a violência diferem em função do género e idade do ofensor, e se têm consciência do impacto da violência no parceiro.

Solicito, que me seja concedida a autorização para efetuar este estudo nas instalações da escola.

Peço deferimento,

Atenciosamente e grata pela sua atenção,

Porto,____/____/____

GUIÃO DE ENTREVISTA

A presente entrevista insere-se no âmbito do Projeto de Graduação do 1º ciclo em Criminologia pela Universidade Fernando Pessoa, desenvolvida por Helena Isabel Dias da Silva Araújo, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

A entrevista dirige-se aos alunos da Escola Pero Vaz de Caminha e tem como objetivo identificar as motivações inerentes ao comportamento abusivo dos jovens. De uma forma mais específica pretendemos compreender se os motivos que levam os jovens a usar a violência diferem em função do género e idade do ofensor, e se têm consciência do impacto da violência no parceiro.

Esta entrevista terá a duração de 20 minutos aproximadamente, será gravada em formato áudio para os fins restritos desta investigação. Somente os investigadores envolvidos no projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas.

De seguida, ser-lhe-á apresentada uma *checklist* com 13 itens, os quais integram diferentes motivos para o comportamento abusivo, devendo indicar se já alguma vez algum destes motivos o levaram a usar violência nas suas relações de namoro, usando para tal uma escala de *likert* de 5 pontos (desde discordo totalmente a concordo totalmente). O preenchimento desta *checklist* deverá demorar, aproximadamente, 10 minutos.

Anexo IV- Entrevista

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Elaborada para o efeito por Helena Araújo, 2013

1. DADOS PESSOAIS

Idade:_____	Sexo: M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Turma:_____	Ano:_____

2. QUESTÕES:

1. O que pensas acerca do uso da violência nas relações de namoro?
2. Sabes se esta é uma realidade muito frequente entre os jovens?
3. No geral, o que é que achas que leva os jovens a usarem violência para com o/a seu/sua namorado/a?
4. E tu, já alguma vez perdeste o controlo para com a/o tua/teu namorada/o?
5. Se sim, podes descrever o que aconteceu?
6. O que é que frequentemente te leva a recorrer à violência?
7. Como te sentes depois de usares violência?

8. Normalmente, como reage o/a teu/tua namorado/a?
9. Quais as consequências que o uso da violência pode ter nos jovens que usam violência? E nas vítimas?

Anexo V- Checklist

Checklist

Elaborado para o efeito por Helena Araújo, 2013

Idade: _____	Sexo: M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Turma: _____	Ano: _____

Por favor, leia atentamente e indique se algum dos seguintes motivos já o levaram a usar violência para com o/a seu/sua namorado/a, usando para tal a seguinte escala de *likert* de 5 pontos:

1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo totalmente.

Motivos para o uso da violência	
1. Por raiva	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
2. Para humilhar e/ou envergonhar o/a meu/minha namorado/a	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
3. Por ciúme	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
4. Para se defender do comportamento violento do/a seu/sua namorado/a (autodefesa)	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
5. Por estar sob o efeito do consumo de drogas/álcool	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
6. Para manter o controlo da situação	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
7. Devido ao meu temperamento impulsivo	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>

8. Devido à falta de diálogo/pobre comunicação	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
9. Por o/a meu/minha namorado/a me ter mentido	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
10. Ter sido obrigado/a à prática de sexo forçado	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
11. O/A parceiro/a impedir o cometimento de atos ilegais (e.g., conduzir sob o efeito do álcool)	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
12. Devido a outros motivos (e.g., sofrer de algum problema psicológico, problemas familiares)	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>
13. Outros: _____	1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>

Anexo VI

I.V.C.

(C. MACHADO, M. MATOS & M. GONÇALVES, 2000; UNIVERSIDADE DO MINHO)

INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a comportamentos que podem ocorrer entre os membros de uma relação de intimidade. Pede-se que **leia atentamente** essas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como pensa que deveria ser**. Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses apresentadas**.

As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas.

Obrigada pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS:

Por favor responda às questões abaixo efetuadas, sem indicar o seu nome.

Idade: _____ **Sexo:** M ☐ F ☐ **Curso:** _____ **Turma:** _____

- A. EM RELAÇÃO A CADA UM DOS COMPORTAMENTOS ABAIXO INDICADOS, POR FAVOR INDIQUE OS QUE USOU COM O SEU PARCEIRO(A) ATUAL E OS QUE O SEU PARCEIRO(A) JÁ USOU CONSIGO, REPORTANDO-SE AO ÚLTIMO ANO. NO CASO DE COMPORTAMENTOS QUE JÁ TENHAM OCORRIDO, INDIQUE SE TAL ACONTECEU APENAS UMA VEZ OU MAIS DO QUE UMA VEZ.

Caso não esteja atualmente envolvido/a numa relação de namoro, por favor prossiga para a Parte B deste questionário.

1. Puxar os cabelos com força

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

3. Dar uma bofetada

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

4. Apertar o pescoço

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐

- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

5. Ameaçar com armas (p. ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

6. Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão para meter medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

7. Acordar a meio da noite, para causar medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

8. Dar um murro

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

9. Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

10. Atirar objetos à outra pessoa

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

11. Dar uma sova

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

12. Dar pontapés ou cabeçadas

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

13. Dar empurrões violentos

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

18. Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

20. Gritar ou ameaçar, para meter medo

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐
- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

21. Outros (especificar _____)

- a) Nunca fiz na minha relação atual ☐

Já fiz ao meu parceiro(a) atual uma única vez ☐
Já fiz ao meu parceiro(a) atual mais do que uma vez ☐

- b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez uma única vez ☐
O meu parceiro(a) atual já me fez mais do que uma vez ☐

B. Em relação a cada um dos comportamentos abaixo representados, por favor indique os que já ocorreram no contexto de **qualquer relação amorosa** que já tenha mantido no passado (excluindo a sua relação atual).

No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu **apenas uma vez** ou **mais do que uma vez**.

1. Puxar os cabelos com força

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

3. Dar uma bofetada

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

4. Apertar o pescoço

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐

Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

5. Ameaçar com armas (p. ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

6. Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão para meter medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

7. Acordar a meio da noite, para causar medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

8. Dar um murro

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

9. Impedir o contacto com outras pessoas (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

10. Atirar objetos à outra pessoa

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

11. Dar uma sova

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

12. Dar pontapés ou cabeçadas

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

13. Dar empurrões violentos

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐

Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

17. Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

18. Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐

Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐

- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

20. Gritar ou ameaçar, para meter medo

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐

21. Outros (especificar _____)

- a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a) ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) uma vez ☐
Já fiz a um(a) parceiro(a) mais do que uma vez ☐
- b) Nunca nenhum parceiro(a) me fez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez uma vez ☐
Um(a) parceiro(a) já me fez mais do que uma vez ☐